

EDITORIAL

NÚMEDO 11 Fevedeido 2021

TEXTOS: Sara Alves

FOTOS: Telmo Mendes

DESIGN:

DISTRIBUIÇÃO ONLINE

SEGUE O PAGOS









Distribuição gratuita

FC Paços de Ferreira Rua do Estádio, 95 4590-571PaçosdeFerreira

WWW.FCPF.PT



"Só tenho de enaltecer os meus colegas pelo futebol que praticámos neste estádio, contra o primeiro classificado. Foi fascinante e uma grande resposta. Saio deste jogo feliz e, da maneira como jogámos, vamos ganhar mais vezes". As palavras de Eustaquio, após a partida com o Sporting, descrevem na perfeição a chave para a grande época que o Paços está a realizar. A equipa não vencerá sempre, mas sairá do campo com a felicidade de ter dado o máximo para honrar o emblema que traz ao peito.

O atual ciclo competitivo é de elevada dificuldade, face à valia e classificação das equipas que o Paços está a defrontar. O Vitória SC é o adversário desta tarde e, se há jogo em que a ideia expressa por Eustaquio seria bem explicada, esse seria o da primeira volta, em Guimarães. Uma partida em que o Paços dominou com grande qualidade, com várias oportunidades de golo, mas acabou derrotado por um lance já no final. Que esta tarde o empenho e a qualidade sejam as mesmas, mas que a equipa tenha a dose de felicidade que, por vezes, também é necessária. A partida com o Vitória poderá ser importante para a definição classificativa final, pois o atual quinto lugar pacense está com três pontos de vantagem sobre os vitorianos e um triunfo trará uma interessante folga classificativa. Uma partida que todos queremos vencer para dedicar a Mohamed Diaby, a quem esta semana uma grave lesão lhe fez acabar a época.

Nesta «FCPF Magazine» entrevistamos o Diretor Desportivo do Clube. Carlos Carneiro é um pacense que envergou a camisola amarela desde a formação até aos seniores, tendo agora um importante papel na gestão do plantel profissional. Os segredos para uma época bem-sucedida e os passos necessários para atempadamente preparar a próxima são alguns dos temas interessantes para ler.

Se há algo que o "futebol moderno" veio limitar foi o da eternização de jogadores lendários a uma só camisola. Poucos são os atletas que, a alto nível, fazem a carreira com um só emblema. Por isso, merecem o natural relevo quando atingem números redondos de partidas ao serviço de um Clube. Luiz Carlos e Marco Baixinho atingiram os 100 jogos com o Paços na I Liga e, merecidamente, serão distinguidos como verdadeiros "atletas da casa". Tal como o foi, à sua época, Fernando Malheiro que hoje abre uma nova rubrica na revista, dedicada a antigas estrelas pacenses.

Paulo Gonçalves (Secretário Técnico)

CARLOS CARNEIRO

"SOMOS CUMPRIDORES COM AQUILO QUE ASSUMIMOS"

Fez a formação ao serviço do FC Paços de Ferreira, somou muitos anos como atleta profissional no clube e iniciou a sua carreira de diretor desportivo também "de amarelo". E são as portas desta carreira que Carlos Carneiro abre agora, dando a conhecer o papel do diretor desportivo no futebol – papel esse que se estende para lá do que se vê nas quatro linhas.

Diretor Desportivo. Toda a gente sabe que existe e tem algumas ideias, mas o que faz o diretor desportivo exatamente?

Em termos gerais, um diretor desportivo é quem tem a responsabilidade – juntamente com os restantes elementos da estrutura do futebol profissional – de contratar treinadores e atletas. Mas é algo muito mais vasto, não se esgota aqui. Durante a época, vai acumulando outras funções, como gerir e ser o elo de ligação entre a estrutura, futebol profissional, treinador, departamento médico, roupeiro, tratadores da relva... Acaba por ser o gestor de todo o futebol profissional.

Funciona quase como a "fita-cola" que une todos os departamentos.

Sim. Como costumo dizer, a função do diretor desportivo é estar a apagar os fogos diários e a encontrar soluções diárias para os problemas que surgem - como em qualquer atividade,



profissão ou empresa.

Podemos dizer que tem de ver o futebol para lá do jogo em si?

Muito. No fundo, e usando essa expressão engraçada, é quem tem a fita-cola para colar as pontas, porque centrarmo-nos só no resultado e no jogo é muito redutor. Temos de ver muito além disso e perceber, fundamentalmente, porque é que as coisas acontecem e como é que elas acontecem – um atleta pode não jogar ou não ser opção em determinado momento por várias situações, e não por não ter qualidade ou não merecer;



assim como quando não existem resultados não quer dizer que se tenha de despedir ou contratar. E depois, sim, tiramos as ilações. E também temos de olhar para a vertente comercial, económica, pois os clubes acabam por ser empresas, e essas empresas vivem do rendimento dos seus ativos. E nós, e cada vez mais, temos de potenciar os ativos do clube.

E já lá vamos a esse ponto. Antes disso: quais são as características essenciais num diretor desportivo?

Acima de tudo, tem de ser um bom gestor de recursos humanos. O que faz com que se possa vencer ao fim de semana, no jogo, vai para lá do próprio treino. Temos de gerir tudo o que o envolve, porque todas as áreas são importantes (departamento médico, rouparia, relva) e colar todas essas pontas é nossa função. Também temos de ter uma sensibilidade muito grande. Felizmente, eu já passei por todos os lados fui profissional durante 19 anos, conheço bem a parte de ser diretor e de ser intermediário também - e quando há a capacidade de nos colocarmos no lugar do outro, é muito mais fácil para nós entendermos o que é que podem estar a pensar ou como estão a reagir.

Essa era precisamente uma das minhas questões: o facto de ter sido atleta ajuda a desempenhar melhor o cargo de diretor desportivo?

Sem dúvida. Não é por termos sido atletas profissionais que podemos ser bons diretores desportivos ou bons treinadores, mas, tendo as outras capacidades e os outros recursos que todo o profissional tem de ter, isso ajuda bastante. E, felizmente por um lado e infelizmente por outro, eu passei por todas as situações enquanto atleta as boas, as más, as menos boas, as menos más - e tenho essa vantagem, sem dúvida.

Uma das ligações mais importantes que tem é com a equipa técnica, naturalmente. Como é essa relação aqui no Paços?

Posso dizer "à boca cheia" que é única. Não deve existir nenhuma outra ligação como a nossa. Vamos para a quinta época consecutiva a trabalhar em conjunto (três anos no Tondela e dois aqui) e é muito boa em todos os sentidos. Muitas vezes, mesmo antes de falarmos já sabemos o que o outro vai dizer. É uma simbiose bastante interessante, que tem sido muito positiva ao longo destes cinco anos e que este ano está no seu esplendor, no seu melhor momento - houve também um conjunto de situações que levou a que isso pudesse acontecer. Defendo este tipo de liderança e este tipo de gestão "tripartida": entre o diretor desportivo, o treinador e a direção, chefiada pelo presidente, em conjunto. assim que funcionamos decisões. tomamos as







Defendemos esta simbiose, a partilha da informação e da decisão entre os três, e tem funcionado bem.

Qual é o perfil de jogadores que procura?

Isso não existe, muito honestamente. Existe no plano teórico - podemos idealizar o perfil do jogador que queremos, um jogador à Paços, mas isso depois vai esbarrar naquilo que realmente nós queremos e naquilo que nós podemos. Porque, como costumo dizer, nós temos olho de rico e carteira de pobre. Os jogadores que detetamos e têm um excelente perfil para serem atletas do Pacos são fáceis de identificar, mas depois falta o resto: as condições para poderem vir, a condição contratual em que poderão estar... Mas tem de ter carácter e ser um profissional exemplar, e depois vai dependendo de cada posição e do modelo de jogo do treinador. Por isso acho que é um pouco utópico. É bonito falar, mas na prática temos de ser realistas e rever-nos na prática propriamente dita - não nos PowerPoints ou nos relatórios.

Há sempre a questão das limitações financeiras. Que armas usa o Paços para contornar isso?

Eu comecei há dez anos como diretor desportivo

no Paços de Ferreira - e comecei como atleta em 93/94 - e não me lembro, desde o início até agora, de o Paços ter oito dias de salário em atraso. E essa é uma das vantagens - somos cumpridores com aquilo que assumimos. Depois, são as condições de trabalho que nós temos, que são excelentes, além do conhecimento e da relação com os parceiros. Felizmente, ao longo destes anos temos conseguido ter atletas de eleição, o que tem dado excelentes resultados desportivos e económicos. Nós fazemos milagres. Comparativamente com qualquer outra das 14 principais ligas europeias, Portugal é a que tem o budget mais baixo, e os orçamentos dos clubes portugueses como o Paços são sempre os mais baixos. Mas, no entanto, conseguimos fazer bons trabalhos, projetar jogadores, treinadores, e isso é fruto dessa qualidade que o Paços tem tido ao longo dos anos - ser um clube cumpridor e com condições de trabalho que estão ao nível dos melhores. E um dos fatores principais para conseguirmos vários dos atletas do ano passado e deste ano, foram as condições de trabalho.

A luta num clube sem investidores privados é mais difícil, mas não é impossível?



Os impossíveis não existem, mas que é muito difícil, é. Temos tido a felicidade de combater essa desigualdade, mas não é fácil e com o evoluir do tempo e da sociedade está cada vez mais difícil. Ter mais dinheiro não é sinónimo de ter mais qualidade, mas ajuda, sem dúvida nenhuma. Tanto não é sinónimo que o melhor resultado que nós fizemos na história do clube foi o terceiro lugar, e, se não estou em erro, foi com o orçamento mais baixo da história do Pacos de Ferreira na primeira divisão. Mas isso é uma conjugação de fatores que foi conseguida na altura e que hoje seria completamente impossível. Nós conseguimos reunir na altura um conjunto de atletas oriundos da Segunda Liga com excelente qualidade, que já cá estavam há dois ou três anos, e com valores que hoje seriam impensáveis, porque a evolução foi significativa em sete anos e os valores também mudaram, sendo cada vez mais complicado. Agora, é essa a nossa função: arranjar soluções e não problemas, por isso temos de encontrar soluções para aquilo que temos. E também nos dá um gozo especial conseguir as coisas dessa forma. É gratificante.

Mas sente que o futebol português está a evoluir muito e muito depressa? Eu tenho vindo a dizer ao longo dos anos que o futebol português tem excelentes treinadores. iogadores, excelentes bons dirigentes e falta-nos dinheiro espetadores. Agora, com realidade, continuamos a ter excelentes treinadores. excelentes jogadores, bons dirigentes, falta-nos o dinheiro e espetadores ninguém tem (e a igualdade tem-se visto, porque o público é importante para a valorização dos nossos ativos). Termos o scouting internacional cá a ver um jogo com um estádio com cinco ou seis mil pessoas é completamente diferente de estar cá a ver um jogo com duas mil pessoas. É o mesmo jogo, mas vemos com olhos diferentes. E agora essa desigualdade que o futebol português tinha já não existe, porque estamos todos nessa condição - infelizmente de n\u00e3o haver espetadores. clubes portugueses fazem milagres e isso não se valoriza tanto. Infelizmente, a comunicação social e as redes sociais só pegam nos aspetos negativos - que os temos, claro, mas temos muito mais positivos do que negativos e não valorizamos. A mim custame um pouco entender porque é que a comunicação social que vive do futebol está sempre a bater no futebol, no seu produto, no seu ganha pão. E claro que nós temos de criticar o que é criticável, mas também temos

de valorizar aquilo que é de valorizar. Acho que isso também faz parte da nossa cultura, mas temos de mudar – e estamos a mudar; nesse sentido, temos evoluído. Acho que cada vez mais temos de nos orgulhar daquilo que fazemos e de valorizar aquilo que fazemos, que é muito positivo.

Como é que é visto o futebol português no estrangeiro?

No estrangeiro é muito bem visto. E mais bem visto do internamente, porque, realmente, eles estão atentos àquilo que de bom fazemos dentro do campo - e que é o reflexo de todo o trabalho fora dele. Dentro do campo, Portugal conseque bater-se e a prova é o que as equipas que estão nas competições europeias têm feito ao longo destes anos. A combater. é como se fosse uma luta de David contra Golias. Mesmo com os orcamentos e as condições de trabalho que essas equipas têm nos principais campeonatos da Europa. nós consequimos jogar de igual para igual, e por isso é que conseguimos exportar imensos treinadores e jogadores. Porque somos realmente bons naauilo que fazemos e valorizamos bastante o nosso produto e acho que ainda podemos fazer muito mais, pegando no



aspecto positivo. Alguns colegas estrangeiros perguntam "Como conseguem?". Aí é que está... Mas isso também é uma característica do povo português: encontrar solução, readaptar-se, improvisar. Se não dá para ir pela esquerda, vamos pela direita. Isso é muito nosso

E como é que campeonatos com menos qualidade do que o português conseguem ter mais poderio financeiro?

No ano passado, foi apresentado um estudo sobre o futebol português e depois tinha lá vários parâmetros de comparação com as 14 principais ligas europeias. Nós somos o país que tem a maior diferença de orçamento entre o clube que recebe menos direitos desportivos e os que recebem mais. No ano passado, estávamos a falar de 15,6% de diferença. E depois vemos Espanha com 3%, Inglaterra com 2,5%, Alemanha com 4%... Anda tudo por ali. Enquanto olharmos só para o nosso umbigo e não para o futebol em geral, para o crescimento do futebol português, é difícil. Somos um país mais pequeno, as receitas que conseguimos gerar são redutoras comparativamente com qualquer outro país, por isso é que um jogador que se destaque no Paços, ficando livre ou não, é facilmente seduzido a ir para a Polónia, Bulgária ou Chipre - são campeonatos que não tem comparação possível com o nosso, mas em termos económicos têm muitas

mais condições. Mas também conseguimos convencer alguns a vir para cá, principalmente os jovens estrangeiros, porque sabem que o futebol português é uma montra fantástica e temos bons treinadores que os vão potenciar e ajudar.

O diretor desportivo tem também um papel importante na ligação entre o futebol profissional e o futebol de formação...

Sim, e neste caso específico tenho uma relação muito boa e duradoura com o presidente da formação, e é de realçar o trabalho que têm feito ao longo destes anos. É fantástico e cada vez mais temos tentado tirar proveito disso – e, felizmente, temos conseguido. E vamos conseguir ainda mais, pois também é um dos caminhos que os clubes têm de seguir e vão seguindo, porque também se tem trabalhado muito bem a formação.

Como é que o futebol profissional olha para o futebol de formação aqui no clube? O acompanhamento é próximo?

Muito. No geral, já por si só temos de acompanhar. Estamos também a tentar esbater a diferença sentida ao sair dos sub-19 para o profissional - é uma decalagem bastante acentuada. Por mais que façamos contratos profissionais, não é fácil dar essa continuidade, portanto é nossa intenção - e estamos a fazer





todos os possíveis - para o ano termos equipa Sub-23. É algo que nos falta para dar esse complemento e essa continuação do trabalho que tem vindo a ser feito na formação.

Uma equipa Sub-23 acaba por ser muito importante até para não se correr o risco de perder eventuais atletas que poderiam vir a ser muito importantes.

Exatamente, porque alguns desses atletas – não podemos fazer contratos com eles todos – que saem e não têm espaço direto na equipa profissional vão ter mais um espaço temporal para poderem crescer e desenvolverem-se. E apostar na formação é uma filosofia que qualquer clube deve seguir – e sendo eu um produto da nossa formação com muito orgulho, tenho de tentar valorizar um pouco mais por isso.

Já começou a planear a próxima temporada?

Não muito afincadamente. É uma questão de metodologia de trabalho que eu tenho. Nós vamo-nos readaptando, evoluindo, alternando as nossas ideias e o nosso método de trabalho, mas eu não gosto muito de estar a pensar no amanhã sem viver o presente. Porque o futebol que fizeste ontem já não vale de nada. Temos de estar em constante evolução, mas gosto muito de viver o presente, porque sem o presente não temos futuro - e gosto de viver bem o presente, para termos um bom futuro. Como é obvio, dentro das nossas capacidades estamos a ver algumas situações, mas o foco é este ano. Quando deixamos de ter o foco total naquilo que estamos a fazer, podemo-nos desviar de alguma situação... Claro que temos de pensar no futuro e estamos a planeá-lo, mas o mais importante é o presente e é nisso que estamos focados.

A conquista de um eventual objetivo

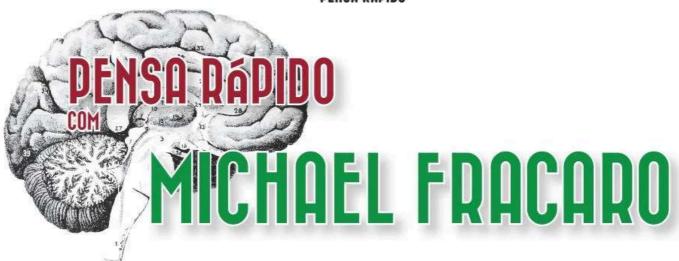
europeu mudaria o planeamento da próxima temporada?

Não, de todo. O que sempre disse e continuo a dizer é que nós temos de ter os pés muito bem assentes no chão e saber o que somos, onde estamos inseridos e para onde podemos ir. E o que o Paços pode fazer é o que tem feito ao longo destes últimos anos - estabilizar-se na primeira divisão, potenciar os ativos que tem e continuar a crescer como tem crescido ao nível das infraestruturas. O principal objetivo é sempre a manutenção e tudo o que vier por acréscimo é bem-vindo. Mais do que isso não pode ser e não podemos desviarnos do caminho por variadíssimas razões. Se conseguirmos o objetivo europeu - que espero que sim e tenho essa convicção de que vamos andar a lutar lá em cima – isso não vai desviar em nada o planeamento que possa ser feito para a próxima época. Nem este ano nem nos futuros, porque o Paços tem de saber a realidade de onde está e do que tem e para onde pode ir. É continuar a fazer o trajeto que tem feito principalmente ao longo destes últimos 20 anos, que têm sido fantásticos a todos os níveis - tem quebrado recordes, feito história. E vai continuar a fazer, mas dentro desse padrão que disse.

Que mensagem quer deixar aos adeptos?

Sei que estão bastante orgulhosos da caminhada que temos feito. É uma pena para todos nós - e sentimo-nos também frustrados nesse sentido - não os termos connosco. Espero que continuem com as energias positivas, a apoiar-nos como têm vindo a apoiar, e que possamos estar juntos o mais breve possível para festejarmos bastantes vitórias e golos ao serviço do Paços. Um obrigado a todos eles pela força que nos têm dado.





E na edição desta jornada, conhecemos mais um dos reforços que chegaram esta temporada à Mata Real. O guarda-redes Michael Fracaro descalçou as luvas e deixou a baliza pacense por uns momentos e respondeu ao nosso quiz. Ficarás a saber, por exemplo, o que é que ele acha que todos nós deveríamos fazer pelo menos uma vez na vida.

3. Qual é o "contacto mais famoso" que tens no telemóvel? É o do Victor, guarda-redes do Atlético Mineiro.

13. Preferias pôr picante em todas as sobremesas ou açúcar em todos os pratos principais?

Picante em todas as sobremesas. [Risos] Os dois são maus, mas é melhor assim. É melhor comer tranquilamente, e, depois, se a sobremesa não estiver boa já não há tanto problema.

46. Qual é a tua comida favorita? Churrasco, assado de carne...

22. Se só pudesses dizer uma palavra hoje, qual é que escolhias? Porquê?

Fé, porque é algo que não nos pode faltar nunca.

95. Se fosses teletransportado uns 400 anos para trás, como é que ias provar às pessoas que vinhas do futuro?

[Risos] Não sei... Talvez levando um telemóvel. Acho que assim ficava resolvido.

59. O que é que achas que todas as pessoas deveriam fazer pelo menos uma vez na vida?

Jogar futebol. Acho que todos deviam experimentar não só o prazer de jogar futebol, mas viver todo o ambiente à volta dele. É maravilhoso.

84. Se pudesses reviver um dia da tua vida, qual escolhias?

Talvez o dia do meu casamento. Foi um dia marcante.





10 ANTEVISÃO







VITÓRIA SC

Fundação: 22 de setembro de 1922 Presidente: Miguel Pinto Lisboa Treinador: João Henriques Estádio: D. Afonso Henriques Lotação: 30000

As últimas temporadas:

2017/2018 Liga NOS – 9° lugar, 43 pontos

2018/2019 Liga NOS – 5°lugar, 52 pontos

2019/2020 Liga NOS – 7º lugar, 50 pontos

Camisola principal:

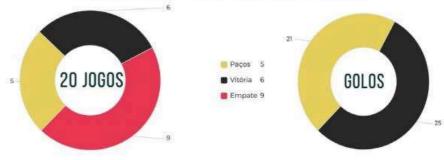


Regressar às vitórias é o objetivo do FC Paços de Ferreira, que chega à 20° jornada da Liga NOS com um empate e uma derrota, nas duas últimas jornadas. Seguese o Vitória SC e uma luta pelo quinto lugar.

Vitória Sport Clube foi oficialmente fundado no dia 22 de setembro de 1922, e realizou os primeiros jogos nos primeiros meses do ano seguinte. O seu emblema oficial foi desenhado no início da década de 30 pelo Capitão Mário Cardoso, tendo sido inspirado em D. Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal. As cores preta e branca foram as escolhidas, de forma a representarem a igualdade e a admissão de todos, sem qualquer distinção racial. No final da época 1941/1942, o Vitória SC garantiu o primeiro acesso ao principal escalão do futebol português. Este será o 47º encontro entre

os vitorianos e o FC Paços de Ferreira. Dos 46 já realizados, contam-se 12 vitórias para os Castores, 16 para os vimaranenses e 18 empates. Já se olharmos apenas para os jogos realizados no Estádio Capital do Móvel e a contar para a Liga NOS, temos um equilíbrio ainda maior: cinco triunfos para o Paços, seis para o Vitória e nove empates. No que aos golos diz respeito, 21 foram marcados pelos pacenses e 25 pelos vitorianos. O primeiro jogo entre as duas equipas a contar para a Primeira Liga, na Mata Real, foi a 2 de maio de 1992 e terminou com um empate a uma bola - Ziad colocou o Vitória em vantagem aos 83' e Jussiê estabeleceu a igualdade aos 90'. Do atual plantel do FC Paços de Ferreira, três atletas já representaram o Vitória SC: Hélder Ferreira (desde a formação até à temporada 2018/2019), João Pedro (2019/2020) e David Sualehe (na equipa B, em 2018/2019).

HISTÓRICO FCPF - VSC NA MATA REAL (LIGA NOS)



ANTEVISÃO 11



De volta a casa e prontos para voltar às vitórias. Depois do empate caseiro frente ao Portimonense SC e da derrota em Alvalade, diante do Sporting CP – que interrompeu uma série de invencibilidade de nove jogos, mas mostrou, mais uma vez, a qualidade de jogo da equipa –, o FC Paços de Ferreira prepara-se para receber esta tarde o Vitória SC, num encontro que marca também a disputa pelo quinto lugar da tabela.

E quando se fala em disputa pelo quinto lugar da tabela, esta está mesmo à vista. Imediatamente abaixo do FC Paços de Ferreira, na sexta posição, está o Vitória SC, com menos três pontos (32). Ao fim de 19 jornadas, regista nove vitórias, cinco empates e cinco derrotas, 24 golos marcados e 19 golos sofridos. Na primeira volta do campeonato, os vitorianos conseguiram um registo mais positivo fora de portas do que no próprio D. Afonso Henriques: 18 pontos contra 13, sendo que as cinco derrotas da equipa foram todas na condição de visitado. Já os Castores são mais fortes em casa, onde na primeira volta só perderam por uma

vez (frente ao Sporting CP) e empataram outra (diante do Boavista FC) – houve ainda o empate com o Portimonense SC, já na segunda ronda.

O Vitória SC chega à Mata Real com uma série de quatro partidas sem triunfar (três empates e uma derrota). Na última terça-feira, receberam o SC Farense para o jogo em atraso da jornada 14 – e que acabou com dois golos para cada lado. Pepelu colocou os vimaranenses em vantagem ao minuto 14', e Ryan Gould empatou sete minutos depois, através de grande penalidade. A vantagem ao intervalo, contudo, viria ainda a ser do Vitória, com Marcus Edwards a fazer o 2-1 aos 37'. Foi já à passagem do minuto 79' que Nikola Stojiljkovic, saído do banco, estabeleceu o 2-2.

Do plantel orientado por João Henriques, o avançado colombiano Óscar Estupiñán destacase como melhor marcador, com seis golos marcados na Liga NOS. O médio e capitão André André surge de seguida, com cinco.







PRÉMIOS 13

PEPA E BRUNO COSTA NOS MELHORES DO MES DE JANEIRO

O primeiro mês de 2021 não poderia ter corrido melhor para o FC Paços de Ferreira, e o trabalho foi reconhecido por todos. A somar aos excelentes números da equipa, Pepa e Bruno Costa receberam os prémios de Treinador do Mês e Médio do Mês, respetivamente.

"Perfeito". Bruno Costa escolheu esta palavra para definir o mês de janeiro e, possivelmente, qualquer adepto do FC Paços de Ferreira concorda. Afinal, foram quatro jogos, quatro vitórias (Rio Ave FC, Belenenses SAD, SC Braga e CS Marítimo), nove golos marcados e nenhum golo sofrido – números que falam por si e dispensam grandes análises. Já dizia o mister: foi um mês "de sonho". Ou melhor, "nem nos melhores sonhos qualquer um de nós poderia imaginar". Mas aconteceu, e isso, acrescenta, "foi possível com trabalho, com alguma felicidade – que também se procura –, mas, acima de tudo, com muita competência". Face a tudo isto, o FC Paços de Ferreira acabou por estar em destaque nos prémios de Melhor do Mês da Liga Portugal, conseguindo mesmo garantir dois deles: o prémio Vítor Oliveira – Treinador do Mês, para Pepa, e o prémio Médio do Mês, para Bruno Costa. Nas votações onde participam todos os treinadores principais da Liga NOS, Pepa conquistou 42% dos votos, enquanto Bruno Costa foi eleito com 13%.

Para o treinador dos Castores, este é já o segundo troféu conquistado, juntando-se ao do mês de novembro. "É um orgulho tremendo, acima de tudo pelos jogadores, pela equipa, e por ser um prémio que é atribuído pela Liga e votado por colegas de profissão. Isso é um motivo de orgulho e de satisfação pelo reconhecimento do trabalho", afirmou. Pepa deixou ainda uma palavra aos seus jogadores: "São uns heróis – pela forma como trabalham, acreditam e encaram cada jogo como se fosse o último. São uns guerreiros autênticos que vão para dentro de campo como se de uma arena se tratasse, mas sempre com a noção de respeitar o jogo em si. Podemos não ganhar, mas temos de deixar tudo dentro de campo, e isso é a maior satisfação que tenho. Este é um grupo que é viciado em trabalhar diariamente para ser melhor do que aquilo que foram no dia anterior".

Já para o médio pacense, este foi o segundo prémio individual conseguido nesta temporada, depois de também em novembro ter sido considerado o Melhor Jovem Jogador da Liga NOS, pelo Sindicato dos Jogadores. Mas o coletivo está sempre presente. "É um prémio bastante importante. Reflete bem a entrega da equipa durante todo o campeonato, e, em específico no mês de janeiro, em que fizemos um mês muito bom. Isso enche-nos de orgulho e este prémio é dedicado a toda a equipa".

Nestas votações, destacam-se ainda o segundo lugar de Jordi, na categoria de Melhor Guarda-Redes, com 23% dos votos (Adán, do Sporting CP, foi o vencedor com 27%), e o segundo lugar de Eustaquio, como Melhor Médio, com 11%.





Marcas dignas de registo. Os capitães Marco Baixinho e Luiz Carlos cumpriram recentemente o 100° jogo ao serviço do FC Paços de Ferreira no principal escalão do futebol português.

E vão cem jogos com a camisola do FC Paços de Ferreira na Primeira Liga! Marco Baixinho e Luiz Carlos, ambos capitães da equipa, chegaram a esta marca durante o mês de fevereiro – Baixinho frente ao Sporting CP e Luiz Carlos diante do CD Tondela, dias antes.

O defesa central chegou à Capital do Móvel na temporada 2015/2016, fazendo a sua estreia pelo clube logo na primeira jornada, com a Académica – um jogo que marcou também o início da sua caminhada na Primeira Liga. "O jogo com a Académica, que foi o meu primeiro, e o segundo, com o Sporting, em Alvalade, são os que destaco. Em ambos dei por mim a pensar durante o jogo 'Isto sim, é ser jogador de futebol a sério'. Senti uma felicidade enorme, no final", afirma. Desde então, muitos mais desafios surgiram, sendo, naturalmente, motivo de "grande satisfação" alcançar esta marca na história do emblema pacense – ainda mais sendo um dos capitães: "Ser capitão deste clube representa muito. Já passei por bons e maus momentos aqui, e atingir este registo é um orgulho muito grande. Enquanto aqui estiver, vou dignificar esta camisola o melhor que conseguir".

Por sua vez, Luiz Carlos vive a sua segunda experiência no clube, ao ter regressado em 2018/2019. A estreia, contudo, foi na temporada 2011/2012, também logo na primeira jornada, mas diante do Vitória FC. "Estou muito feliz, num clube que também me diz muito, e esta é uma marca importante. Já conquistei aqui muitas coisas e espero que este ano consiga conquistar mais", adiantou o médio pacense. Na hora de escolher um jogo que o tenha marcado, não conseguiu nomear apenas um, sendo mais fácil destacar as épocas: "Destaco a de 2013 com o Paulo Fonseca, a da subida com o Vítor Oliveira, e espero que esta seja também uma época muito boa. O objetivo já está quase cumprido, que é a manutenção, e quem sabe se não podemos conquistar algo mais no final...".

MCOUTINHO

DIÁRIO TÉCNICO 15



ÉRAMOS, DE VERDADE, UNS PRIVILEGIADOS E NÃO SABÍAMOS

O tema "Covid-19", assim como os debates em torno de uma pandemia no seu todo imprevisível, surge como um tema de discussão completamente "gasto". Esta temática que todos nós em sociedade discutimos e nos leva a assumir posições díspares, levou-nos em diversos momentos a caminhos e conclusões menos positivas, ao ponto de negligenciarmos necessidades inerentes à nossa condição humana. Efetivamente, inúmeros direitos tiveram de ceder perante valores que consideramos superiores, mas tal não invalida o seu caráter de quase existência imperativa. A decisão foi permitir o futebol profissional e outras atividades desportivas profissionais, relegando para segundo plano todo o desporto de formação, quiçá sem pensarmos nas verdadeiras e nefastas consequências futuras de tal decisão.

Mas a formação e todo o desporto amador tem influência determinante quanto ao crescimento e desenvolvimento do ser humano e dos jovens em particular.

Os jovens e crianças, desde muito cedo, buscam no desporto a sua fonte de motivação, desenvolvimento, e acima de tudo, de crescimento em todas as suas dimensões humanas e complementares ao seu quotidiano.

Juntamente com a família e a escola, é o desporto que assume um papel preponderante e, diga-se, um papel quase cirúrgico nesse crescimento.

Não obstante essa elevada relevância deparamo-nos com uma situação social e de saúde que ameaça abalar os pilares da evolução harmoniosa de crianças e jovens numa fase crucial das suas vidas. A educação no nosso país enfrenta hoje um desafio cujas consequências são imprevisíveis e que a todos deve preocupar enquanto formadores de jovens nas mais variadas formas de crescimento de personalidades.

A par de todos estes constrangimentos, os jovens e crianças vêem-se perante a obrigatoriedade de frequência de aulas sem que as mesmas sejam presenciais e permitam o convívio com os seus pares, o que se repete desde o início do flagelo que vivenciamos.

Se a um dos pilares fundamentais no desenvolvimento dos jovens somarmos mais de meio ano de ausência, então mais um ano de angústia, tristeza e descrença se avizinha.



Teremos de recuar um ano para recordarmos a última vez que tivemos o privilégio de equipar num balneário como equipa. Um ano nos separa da última palestra, do último grito, do último festejo, das últimas lágrimas após aquela derrota tão injusta, do último sorriso após um golo no minuto final, e do abraço ao nosso familiar.

Erámos, de verdade, uns privilegiados e não sabíamos.

A ADAPTAÇÃO

Enquanto equipa técnica acreditamos que o ponto de partida seria o de estabelecer desde logo que nada iria substituir o treino presencial. E que de facto estamos perante tempos ímpares que enfrentamos. Após décadas e décadas de história, como poderia o futebol ser sujeito a um regime que não o presencial? Não obstante, existe a meu ver uma relação de compromisso mútuo dentro de uma equipa. O comprometimento para com o clube, o colega, e por último, mas em momento algum menos importante, para com o desporto que tanto gostamos de praticar. Consequentemente iniciamos um conjunto de estratégias direcionadas para a atenuação máxima daquelas que são as sequelas gravíssimas que esta profunda paragem terá nos jovens atletas. O "Zoom", seria até há um ano uma ferramenta oculta para a maioria da população, e que atualmente possui um estatuto quase que imprescindível no nosso quotidiano. Ergue-se assim um instrumento com todas as potencialidades para fazer frente a todos estes obstáculos. É impreterível que este e qualquer outro método de treino à distância seja revestido da maior interação e dinâmica possíveis. Não sendo de descartar, de todo, possíveis caminhos alternativos a estes treinos.

A APLICABILIDADE

Numa primeira fase demos início a dois treinos via Zoom. Um treino durante a semana, sempre ajustado aos horários escolares dos atletas, e um treino ao fim de semana. Realizávamos assim 1 treino técnico e 1 treino físico. Procuramos aprofundar ao máximo as potencialidades que os treinos Zoom nos poderiam trazer, e deste modo conduzir os treinos da forma mais motivadora e interativa.





Temos orgulho em recordar alguns dos treinos que foram realizados ao longo deste período. Um dos treinos físicos consistiu numa competição física entre eles recorrendo ao "Super Mario de 1986". De uma forma sintetizada, o treino correspondia aos atletas terem um exercício a realizar para cada ação do Super Mário no decorrer do jogo. Os atletas, através da partilha de tecla por parte de um treinador, mergulhavam num novo desafio, interativo, dinâmico e competitivo. A equipa vencedora seria a que no fim de cada nível tivesse cometido menos erros. Poderemos ainda recordar neste mesmo registo um treino de competição, a busca por uma dinâmica semelhante, mas desta vez recorrendo a um comum baralho de cartas. A equipa era dividida em 4 grupos (1 por cada treinador), vencendo a equipa que realizasse o exercício correspondente a cada carta (cada período era composto por 8 cartas aleatoriamente retiradas pelo treinador), no menor período de tempo.



A nível técnico procuramos simplificar ao máximo os treinos tendo por base que nem todos os atletas possuem, por motivos diversos, o mesmo espaço. A simplificação em momento algum terá sido sinónimo de um desmazelar na procura incessante pela evolução, ou então, pela atenuação das perdas inerentes a esta fase pandémica.

Os nossos GR's participaram sempre em todos os treinos físicos, tendo a nível técnico sido acompanhados em todos pelo nosso treinador de GR's. Os atletas são assim acompanhados com o pormenor e especificidade que a posição requer. O Guarda-Redes consiste numa posição em certos aspetos ainda mais complexa de acompanhar à distância, isto devido às condicionantes e necessidades de treino peculiares inerentes à sua ação em jogo.

O SORRISO QUE SE MANTEM NUMA SEGUNDA PARAGEM

Enfrentamos novamente uma paragem que dura há mais de um mês. Sem incorrer em qualquer tipo de demagogia, a presente época insere-se destacadamente no maior desafio que tive de enfrentar até hoje na minha curtíssima e humilde experiência enquanto treinador. Mantermonos motivados, e não permitirmos que o que nos rodeia em momento algum faça baixar os índices, aliado à ausência da competição, é sem dúvida alguma uma tarefa de dificílima execução. Todavia, tendo por base o que anteriormente havia sido referido, o comprometimento jamais poderá, ou deverá, ser abalado. Aos nossos atletas, da forma mais transparente é transmitida a importância de que, agora, a palavra "desistir", bem como quaisquer outros sinónimos, jamais poderá constar no nosso dicionário. A consciencialização cada vez maior de que a maioria não será um atleta profissional não



nos impede – ou, pelo menos, não deveria em momento algum permitir-nos esquecer que apesar de nem todos um dia atingirem o seu sonho, todos os jovens atletas um dia serão pais, serão homens, serão mulheres, o que incontornavelmente significa que parte integrante do nosso "amanhã" está nas nossas mãos. E acreditando convictamente nesta mentalidade, apesar de a cada dia o regresso da competição assemelhar-se a uma miragem, não existem dúvidas de que a superação diária de todos estes obstáculos irá culminar num crescimento pessoal sem precedentes. Isto para qualquer um dos intervenientes.

Assim sendo, a retoma nesta 2ª fase teve como suporte tudo aquilo que nos precedeu ao longo deste ano, conduzindo-nos assim para uma alteração no planeamento de treinos. O nosso foco passou assim a incidir com maior relevância no estado anímico do atleta, procurando um ponto de equilíbrio não só físico mas também mental.

Compete-me ainda referir dois aspetos que adicionamos nesta segunda paragem às nossas preocupações enquanto equipa técnica. A paixão pelo clube e cumplicidade é um aspeto que os estádios vazios em muito afetaram a relação dos jovens para com o símbolo que representam. Bem como a ausência de competição resulta numa séria ameaça à compreensão do jogo por parte do atleta. Escalões como os Sub 11, 12 e 13 enfrentariam desde o ano anterior uma transição. Nomeadamente ao nível da passagem para o futebol de 7, 9 e 11. Como podemos nós equilibrar estas duas necessidades do atleta?

Bem, no início de cada treino semanal, os dez minutos iniciais são direcionados para a análise ao jogo do Futebol Clube Paços de Ferreira. Previamente, os atletas são convidados não só a assistir ao jogo como um adepto comum, mas também a interpretarem o jogo. A análise no fim de cada jogo é enviada pelos atletas ao treinador, sendo a "correção" feita ao que foi analisado pelo atleta de uma forma autónoma. Não existe nem existirá um atleta que interpretou de uma forma mais ou menos correta os diversos momentos do jogo. Para nós, existe o ser humano que não se acomoda com o conhecimento que possui partindo em busca de mais. Em treino, a análise é focada em princípios cervicais à compreensão do jogo por parte do atleta, e adaptados às necessidades do contexto. A exposição é dinâmica, e surge sempre com o cuidado de ser o mais interativa possível.

Por fim, à nossa semana foram ainda adicionados desafios semanalmente renovados e ajustados. Visamos assim mais um mecanismo para o alcance de registos análogos à competição - isto dentro de todas as proporcionalidades que devem ser ponderadas, naturalmente. A competição proporcionada aos atletas surge em duas dimensões. Na dimensão geral, entre todos os atletas da equipa, mas também numa dimensão específica, em que o atleta semanalmente tem o objetivo principal de se superar. O ex-futebolista Zé Roberto teve recentemente uma publicação que nos tempos de hoje me marcou, e essa mesma publicação dizia-nos que "A única pessoa com quem você deve competir para ser melhor, é com a pessoa que você era ontem". E, enquanto equipa, é nisto que genuinamente nós acreditamos.

Em tom de conclusão, os tempos que hoje vivemos e essencialmente enfrentamos no que ao nosso desporto diz respeito não se tratam de "uma morte a tiro", mas sim de uma tentativa de morte lenta provocada quase que pelo esquecimento dos milhares e milhares de jovens que não querem nada mais do que, serem felizes. Entretanto, nós continuaremos aqui, juntos e com a mesma vontade e alegria de acordar ao sábado de manhã, quando o sol mal tinha nascido. Porque no dia em que tudo "voltar a ser como era", já nós cá estaremos, igualmente juntos e preparados, mais do que nunca.



PAGOS NA HISTÓRIA COM... FERNANDO MALHEIRO

Fernando Manuel Malheiro Santos. Avançado. Fez a sua formação no FC Paços de Ferreira, foi no FC Paços de Ferreira que começou e terminou a sua carreira profissional, e os fãs do clube que acompanharam as décadas de 70 e 80 certamente sabem de quem se trata. Está assim "inaugurada" a nova rubrica 'Paços na História'.

Começou por representar o FC Paços de Ferreira nos seniores em 1973/1974, mas a sua ligação ao clube já vinha desde os tempos de formação. E que começo esse, uma vez que logo na sua época de estreia sagrou-se Campeão Nacional da Terceira Divisão. Era o realizar de um desses sonhos que todos os jovens têm, mesmo antes de entrarem no mundo do futebol – jogar, ter os seus ídolos como colegas, ganhar.

"Os meus ídolos eram tantos...", recorda. "O Rola, os Natas, o Pintinho. O Quim, o Canavarro – com quem ainda joguei mais tarde. O senhor Carneiro, o Dias, o Pimenta, o Mendes, o Pé de Canhão... Andava eu a apanhar bolas e a vê-los jogar. Era fã deles e ainda joguei com alguns – coisa que antes nem me passaria pela cabeça. Se eu tivesse de falar dos grandes jogadores do Paços por quem tenho tanta ou mais admiração do que aqueles com quem joguei no Porto ou no Braga, tinha de estar aqui um dia inteiro. Hoje dou ainda mais valor, porque, quando me ponho a pensar nesses jogadores que conheci e com quem partilhei o balneário – alguns já com 30 anos e eu ainda a começar com 16 – sinto um grande orgulho".

Foi pela mão do "senhor Daniel Barreto" que Malheiro chegou à equipa principal, ainda Júnior. "Ao sábado, jogava nas reservas, e ao domingo na primeira categoria. Fazia dois jogos por fim de semana", conta. Fins de semana preenchidos, portanto. "A vontade era tanta que eu estava sempre disponível. Com essa idade, estamos preparados para tudo". O primeiro ano foi aínda no Campo da Cavada, "um campo pequenino, com pouquinhas condições", mas que foi o palco dos "grandes jogadores" já mencionados. Dali, passou para a Mata Real, o mesmo local sagrado dos dias de hoje, para os pacenses. "Na altura, já tinha bancadas, tinha tudo. Já era uma coisa muita grande para a época", diz o ex-avançado. O Paços começava, então, a crescer: "De ano para ano, o clube subia sempre um degrau. O Paços tornou-se grande, e não é de agora, na primeira divisão. Já vem dessa altura".



Industria de transformação de metais

PAGOS NA HISTÓRIA

As memórias são, portanto, as melhores. Mas, como seria de esperar, há uma que se destaca particularmente: a conquista do título de campeão da Terceira Divisão. Foi em Leiria, contra o Estrela de Portalegre, na tarde quente de 14 de julho de 1974. Um encontro bem disputado, com muitas oportunidades para ambas as equipas, tendo os pacenses inaugurado o marcador na primeira parte, por Lima, e o Estrela de Portalegre chegado ao empate na segunda. No final dos 90 minutos, tudo a zeros. Veio, então, o prolongamento, e quando o relógio já entrava no último minuto, Mascarenhas marcava o segundo e dava o a vitória e o primeiro título nacional ao FC Paços de Ferreira. E o primeiro título de todos para Fernando Malheiro. "O Paços de Ferreira já vinha das distritais sempre em crescendo", acrescenta.

No final da década de 70, Malheiro foi para o FC Porto. "Na altura, era muito complicado um jogador de um clube mais modesto como o Paços ir para o Porto", mas a verdade é que a qualidade do Paços não deixava ninguém indiferente. "O clube não chegou a receber nada por mim, mas exigi ao Porto que viesse cá fazer um jogo com a equipa completa e vieram. E eu lá joguei metade pelo Paços e metade pelo Porto". Tempos em que não havia todo o dinheiro que se vê no futebol atual a circular. Depois desta aventura, outra se seguiu, no SC Braga, até que em 84/85 voltou a casa – e esteve perto de ver o clube chegar à Primeira Liga.

Fazendo uma retrospetiva a todos estes anos, a evolução do FC Paços de Ferreira é, na sua ótica, "motivo de orgulho para todos os pacenses". "O clube tem hoje umas condições fabulosas. Cresceu muito e é um grande regozijo para todos. Fico contente, porque quando falo com pessoas de todo o país sobre o Paços, nota-se que há muito respeito pelo clube. Tirando os ditos grandes, é dos clubes que, provavelmente, mais tem crescido e tido sucesso", afirma.

O que não muda, garantidamente, é a identidade. "A ambição, o querer ser melhor... As raízes estão presentes. Mas elas não vêm só do meu tempo – já vêm de antes. Daquele tempo dos grandes jogadores que jogaram no Campo da Cavada e de quem eu era fã". Que assim continue, e que assim se escreva o futuro, "devagarinho, passo a passo, com os pés bem assentes no chão", pois "é assim que as coisas se conquistam".







PaçoPrint A sua marca gráfica